

TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIA E GÊNERO: Um comentário metodológico¹

Adriana G. Piscitelli

Abstract

The main concern of this paper is to explore the possibilities that the intertwining of oral traditions and life histories offer when studying a gendered reality. The analysis of a case study - the matrimonial strategies of members of three generations of wealthy coffee planters - allows one to compose a complex picture, where what is defined as appropriate for each sex clashes with classifications manifested in the collective memory as expressed in local narratives.

Tradições orais e histórias de vida

A proposta deste texto é explorar, numa perspectiva antropológica e partindo de um estudo de caso específico que incorpora a temporalidade, as possibilidades oferecidas pelo trabalho simultâneo com tradições orais e histórias de vida na investigação das construções de gênero. E sublinho o simultâneo, porque tradições orais e histórias de vida são metodologias que não necessariamente são utilizadas em conjunto.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no *Seminário Internacional del Uso de Historias de Vida en Ciencias Sociales: Prácticas, Teorías y Metodologías*. Villa de Leyva, Colombia, março de 1992.

A antropologia, que trabalha com tradições orais desde os primeiros momentos do desenvolvimento da disciplina, mantém uma longa e ininterrupta tradição na manipulação de materiais orais. Estes foram privilegiados na medida em que constituíam a única via de acesso à descrição e compreensão das comunidades que constituíam seu objeto de estudo. Porém, são os historiadores, particularmente aqueles interessados na reconstrução histórica das sociedades sem escrita, que desenvolvem uma metodologia sofisticada que associa o estudo das tradições orais a uma preocupação com a temporalidade.

Para estes historiadores, o interesse pelas tradições orais reside na avaliação de que estas transmitem oralmente e ao longo do tempo *informações* que provêm do passado. Preocupados com a confiabilidade destas informações, levam a sério os problemas apresentados pela qualidade retrospectiva da memória e submetem o material ao conjunto habitual de regras de evidência histórica: consistência interna e externa, confirmação através da consulta a outras fontes, consciência do “bias” potencial, etc. Nesta linha de trabalho só são consideradas evidências históricas as tradições que se originaram de observações de uma situação determinada. Por este motivo, para esta perspectiva é fundamental estabelecer que parte da mensagem recriada ao longo das gerações é “verdadeiramente” antiga e em que medida expressa uma relação de contemporaneidade entre registro e observação.

Nesta aproximação, as diversas tradições orais de uma comunidade devem ser trabalhadas depurando-se o material com o objetivo de estabelecer seqüências e cronologias. No processo de depuração devem ser realizadas, basicamente, duas

separações. Só são consideradas tradições orais aquelas baseadas em testemunhos verbais que se referem a acontecimentos do passado - sucedidos a uma distância de, pelo menos, uma geração. Ou seja, não presenciados nem lembrados pelos narradores, senão “aprendidos oralmente”.²

Em primeiro lugar, portanto, é necessário limpar as tradições orais de toda observação contemporânea ao pesquisador, separando-as tanto dos rumores contemporâneos quanto da história oral e das reminiscências pessoais. Se estabelecem assim limites definidos - a princípio pela exigência de uma determinada distância temporal - em relação ao trabalho com histórias de vida.

Em segundo lugar, é necessário realizar uma depuração dentro das tradições orais. Os historiadores que trabalham com tradições orais reconhecem o valor que elas têm como parte do processo de estabelecimento de representações coletivas, admitem a importância do conjunto de tradições orais enquanto expressão de opiniões, valores e mentalidades. Porém, interessados em utilizar as tradições orais à maneira de “fontes históricas”, privilegiam as tradições orais (ou as partes delas) que permitem obter testemunhos de “fatos” ou eventos sobre as que, descrevendo comportamentos ou tendências, derivam de normas e generalizações formuladas partindo de experiências. Se supõe que este último tipo de tradições, ainda que possam basear-se em observações, incorporam a opinião da comunidade sobre distintos temas. Por isto são considera

² Vansina, Jan: *Oral tradition as history*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1985, p. 27.

das testemunhos não de fatos, mas de opiniões e valores, no que resulta particularmente difícil isolar “eventos”.³

Nesta perspectiva, a reconstrução de uma sucessão de “eventos” organizados cronologicamente é obtida através da separação entre um tipo de tradições orais que se prestam à localização de “fatos” e uma massa de material que aparece como mais obscura e seqüencialmente duvidosa. Na porção sacrificada, a segunda, se incluem - e por motivos diferentes - as tradições orais que remetem a normas e generalizações (aquelas que dificultam o levantamento de “testemunhos de eventos”) e as histórias de vida.

O termo histórias de vida abarca procedimentos e aproximações extremamente diversos. A preocupação com critérios de verdade e de história “objetiva” ou verdadeira afetaram algumas de suas perspectivas tanto quanto influenciaram o estudo das tradições orais.⁴ - ⁵. Linhas de pensamento preo

³ Vansina, Jan: op. cit.

⁴ Uma ampla descrição das diferentes perspectivas na América Latina é oferecida em Camargo, Aspasia, Hippolito, Lucia e Lima, Valentina de Rocha: “Histórias de Vida na América Latina” In *BIB-Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, R. J: nº. 16, 2º. semestre 1983, p 5-24.

⁵ Paul Thompson atribui à influência de Malinowski o estancamento do trabalho com histórias de vida no período entre as duas guerras. O argumento de Malinowski era que as tradições orais não tinham valor virtual como história, na medida em que sua função era justificar e explicar o presente: o mito não seria uma história falsa, nem a narrativa de uma realidade morta. Seria a afirmação de uma realidade maior e parcialmente viva. Para Thompson, os argumentos de Malinowski, apesar de aplicarem-se mais à tradição oral que à história de vida, inibiram também o desenvolvimento desta última. Thompson, Paul: *The voice of the past. Oral history*. Oxford, Oxford University Press, 1978.

cupadas com dados factuais confiáveis e representativos desprezaram as autobiografias porque, entre outros motivos, nestas é impossível escapar da “perversão da verdade produzida pelo jogo da memória com o passado”.⁶ Também algumas linhas que promovem o trabalho com histórias de vida tratam de controlar, através de diversidade de mecanismos, a “verdade” dos dados levantados para evitar os perigos implícitos na memória.⁷

Porém é possível afirmar que, na atualidade, existe um certo consenso sobre a riqueza oferecida pelo trabalho com histórias de vida. Esta reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais. Neste sentido, o trabalho sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a compreensão dos atores a

⁶ Mintz refere-se às resistências de Boas às autobiografias, um pouco em função do interesse boasiano em desenvolver descrições da cultura em estudo em termos representativos ou normativos, no que as autobiografias dificultariam a possibilidade de reunir uma variedade suficiente de registros individuais, mas também porque o jogo da memória com o passado proporcionaria um material mais adequado para um estudo da “perversão” da verdade. De Boas: “Recent Anthropology”, *Science*, n. 98, 1943. In Mintz, S: “Encontrando Taso, me descobrindo” in: *Dados, Revista de Ciências Sociais*, vol. 27, n. 1, 1984, p. 45-59.

⁷ Neste sentido são particularmente ilustrativas as instruções do manual de Magrassi e Roca - referentes à necessidade de cruzar informações de diversos informantes, à realização de controle através do material de arquivos etc. Magrassi, Guillermo/Rocca, Manuel: *La “Historia de Vida”*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1980.

partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos.^{8 - 9}.

Numa perspectiva antropológica, a parte excluída no processo de depuração das tradições orais - histórias de vida e tradições (ou partes) de tradições orais que remetem a normas e generalizações - é, precisamente, a mais promissora. Ela se integra nas zonas “sombreadas” - tomando emprestadas palavras de Françoise Morin - onde é possível encontrar sentidos¹⁰ porção sacrificada inclui não “eventos”, coisas que sucedem,

⁸ Veja-se Camargo, Aspasia: “Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas” In: *Dados, Revista de Ciências Sociais*, vol. 27, nº. 1, 1984, p. 5-29; Langness, L: “Usos potenciales de la historia de vida en antropologia” in Balan, Jorge: *Las historias de vida en ciencias sociales, teoría y técnica*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974, p. 153-175; Mintz, S: “Encontrando Taso: me Descobriendo” In: *Dados, Revista de Ciências Sociais*, vol. 27, nº 1, 1984, p.45-59.

⁹ O trabalho com histórias de vida, precisamente por centrar-se na “experiência”, seduziu particularmente investigadoras(es) interessadas(os) em trabalhar com uma antropologia e uma história “das mulheres”. As histórias de vida foram utilizadas intensamente, consideradas como fontes primárias para o conhecimento de vidas femininas até então silenciadas. Chegaram a ser consideradas o “método feminista por excelência”, pela possibilidade que ofereciam no sentido da compreensão ampla e profunda das consciências femininas garantindo um ponto de vista sexuado. Geiger, Susan N. G.. “Women’s life histories. Method and content” In: *Signs. A Journal of Women in Culture and Society*. v. 11 nº.2. winter, 1986, p.335-351.

¹⁰ Morin, Françoise. “Pratiques Anthropologiques et histoire de vie” In: Bertaux, Daniel. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. v. LXVX, juillet-décembre, 1980, p. 55.

mas experiências, coisas que sucedem com pessoas.¹¹ Precisamente por isto, a subjetividade inerente a umas e outras pode dificultar a classificação externa dos dados que elas proporcionam à maneira de "coisas" distribuídas nítida e equidistantemente no espaço e no tempo. Porém, dotadas pela densidade da experiência, abrem o caminho para interpretações.

Paixão, casamento e poder

Procurarei explorar as possibilidades oferecidas por uma articulação entre o conjunto das tradições orais presentes numa comunidade e as histórias de vida de gerações sucessivas. Minha proposta aqui é reunir estas metodologias considerando que sua articulação pode ser frutífera no intento de aproximarme a uma realidade codificada pelo gênero.

Estabelecerei um contraponto entre os distintos tipos de material oral trabalhado com a finalidade de compreender as estratégias matrimoniais desenvolvidas em cinco gerações - entre 1880 e 1970 - por dois grupos de parentesco de cafeicultores, numa pequena cidade de pouco menos de 10.000 habitantes no Sul de Minas Gerais. No município, a terra, a produção agropecuária e os laços de parentesco têm sido fatores aglutinantes nas distintas camadas sociais. O café, principal motor econômico da cidade na segunda metade do século passado, continua sendo a principal riqueza da região na atualidade.

¹¹ A distinção entre "evento" e "experiência" é trabalhada em Abrahams, Roger D.. "Ordinary and extraordinary Experience" In: Turner, Victor and Bruner, Edward ed. *The Anthropology of Experience*. Chicago. University of Illinois Press, 1986, p. 55.

As parentelas em estudo, integradas originalmente por portugueses, num caso, e por descendentes de portugueses, no outro, se instalaram na cidade na segunda metade do século XIX. O poder político e econômico local esteve centralizado primeiro - e até a década de 1920 - num grupo de parentesco e, depois de uma demorada disputa no outro, que o manteve até a década de 1980. A partir desse momento, outros grupos e interesses se sobrepuseram à disputa de famílias. Ao longo do processo, esta “elite” de província começou a considerar-se e a ser considerada diferencialmente: uns como “novos ricos”, os outros, como “velha elite”.

Nas duas parentelas, as estratégias matrimoniais seguiram padrões que variaram em cada geração e que, articuladas às mudanças políticas, sociais e econômicas, tenderam a propiciar a melhoria ou, ao menos, a manutenção do status familiar. A preocupação fundamental que parece ter guiado os interesses das duas parentelas desde a sua instalação na cidade - acumular capital rapidamente e enriquecer através da concentração de terras - se reflete na orientação seguida pelas alianças.¹² Estas estratégias se desenvolveram sobre a base

¹² Nas primeiras gerações dos dois grupos, alternaram-se exogamia e endogamia em relação às parentelas. Uma segunda geração exógama casou entre as décadas de 1850 e 1870. As mulheres desta geração casaram-se com homens de nível econômico claramente inferior e os homens com mulheres de famílias consideradas “mais ricas” apoiados por algum tipo de adiantamento de propriedade outorgado pela família da noiva, basicamente terras nos dois grupos. Na terceira geração - que casou entre as décadas de 1870 e 1900 - a tendência foi casamentos no interior dos grupos de parentesco, concentrando um elevado nível de consangüineidade. Nas gerações seguintes - a quarta, que casou entre as décadas 1910 e 1930 e a quinta que casou entre as décadas de 1950 e 1970 - a presença de solteiros parece ter tido um sentido estratégico que deve ser asso

de um elevado custo emocional para os jovens. Imersos num ideal de amor romântico cada vez mais intenso, foram submetidos a um controle absoluto sobre as escolhas de cônjuge - femininas e masculinas, até a década de 1920, e, a partir de então até a década de 1970, exclusivamente das escolhas femininas.

A disputa política e econômica entre as parentelas foi delineando limites nas relações entre os integrantes dos dois grupos de famílias. Entre eles, uma brecha particularmente espinhosa - e atraente - foi a proibição de relacionamentos amorosos entre os integrantes dos dois grupos de parentesco. Estes limites foram transpostos em cada geração e deram lugar a “tórridas paixões” e a alguns “casamentos rebeldes” que incidiram no trânsito do poder local entre uma e outra parentela. Estas histórias de amor constituem casos que se tornaram famosos no lugar e que envolvem mulheres que se apaixonaram perigosamente, no ponto de vista de suas famílias, a cada geração, arriscando, em nome do “amor” os interesses familiares. São histórias em que o amor é desindividualizado, estetizado e incorporado numa narrativa que transcende o especificamente Íntimo.

O trânsito amoroso, econômico e político percorrido pelas paixões é o centro de uma série de narrativas orais que circulam pela cidade. As sagas de enriquecimento familiar, as de atuação política dos membros destacados de cada “clan” e as

ciado a uma nova tendência nos casamentos femininos e na transmissão de propriedades, pois as jovens deviam casar com iguais ou realizar casamentos hipergâmicos. Para os resultados finais da investigação vi de a dissertação de mestrado apresentada ao IFCH, UNICAMP, em 1990: *Amor, paixão e casamento: escolha de cônjuges em famílias de camadas médias e altas do sul de Minas Gerais*

histórias de amor se entrelaçam constantemente nos relatos que extrapolam amplamente os grupos de família e são recriados por vozes masculinas e femininas com matizes diferenciais.

No intento de traçar as estratégias matrimoniais seguidas pelos dois grupos trabalhei com estas narrativas num duplo sentido. Na minha investigação, a possibilidade de acompanhar o ritmo das gerações, relacionando-o a reproduções e mudanças socio-estruturais requeria o estabelecimento de cronologias e seqüências. Neste sentido, trabalhei com as tradições orais à maneira dos historiadores mencionados acima. O material que elas me ofereciam foi confrontado e articulado com toda uma série de registros e documentos - genealogias, registros de casamentos, nascimentos, óbitos, inventários e material publicado em revistas e jornais locais. A reconstrução de “eventos” de uma certa narrativa histórica, permitiu montar o esqueleto para pensar as estratégias matrimoniais seguidas em cada geração.

Ao mesmo tempo, as tão temidas “generalizações” que se aninhavam nas tradições orais e que apareciam invariavelmente associadas aos eventos, ofereceram um material rico em termos de representações. Em lugar de separá-las, à maneira de Vansina, tê-las articulado revelou-se um caminho interessante enquanto possibilidade de aproximação à temporalidade interna do grupo, marcada pela sucessão de experiências “extraordinárias”. Ofereceu também uma via de acesso privilegiada à exploração da diferença sexual.

No material fornecido pelas tradições orais, as narrativas articuladas em torno das “histórias de amor” manifestam um jogo particular com a temporalidade. As histórias falam de tempos extraordinários; tempos densos dotados de um significado particular para os grupos de parentesco. Marcos que, embora datados cronologicamente, contêm um plus temporal. Cada “casamento rebelde”, associado às vicissitudes econômicas e políticas das famílias envolvidas, é o momento de destaque de sua época. A história de cada protagonista marca o tempo de uma determinada geração.

O trabalho com histórias de vida se me impôs na medida em que permitia o acesso à elucidação das motivações individuais nas escolhas de estratégias, desde os diferentes “lugares” familiares ocupados nas fases sucessivas da vida. A partir das histórias de vida foram revelando-se interações, conflitos, perdas e ganhos.¹³ Realizei entrevistas tipo histórias de vida e não apenas entrevistas temáticas; mas, ao mesmo tempo, não tentei reconstruir histórias de vida exaustivas, senão de traçar trajetórias individuais privilegiando inúmeros aspectos das experiências particulares relacionadas com estratégias matrimoniais: trajetórias familiares, estilos de vida, organização

¹³ As histórias de vida que serviram de base para este trabalho foram realizadas com duas mulheres e um homem entre 70 e 80 anos; com duas mulheres e um homem entre 60 e 70 anos; com uma mulher entre 50 e 60 anos; com três mulheres e um homem entre 40 e 50 anos e com dois mulheres e um homem entre 30 e 40 anos. De acordo com o corte realizado na pesquisa, além da diferenciação etária, estas pessoas se integram em três gerações: avós/ôs; filhas/os e netas/os, que correspondem à terceira, quarta e quinta gerações pesquisadas.

do cotidiano, educação, valores religiosos, participação política e, claro, os passos seguidos nas escolhas de cônjuge.¹⁴

Gênero e memória

Que idéias sobre a “diferença sexual” resultam deste trabalho em conjunto?

Prestarei atenção, em primeiro lugar, aos eixos de organização da lembrança e ao nível expressivo nas histórias de vida. Quer dizer, ao que homens e mulheres contam de suas vidas e à maneira como isto é relatado.

As linhas de investigação que se preocupam com particularidades do trabalho sexuado da memória sustentam, a partir de pesquisas específicas, que existe uma associação entre memória feminina e tradição genealógica. São as lembranças das mulheres as que se relacionam com o domínio da família, da vida privada e doméstica. Estas perspectivas afirmam que a memória feminina estabelece referências temporais associadas ao ciclo familiar, diferenciando-se da masculina, que é datada com precisão. Afirmam também que as lembranças das mulheres preservam temas integrados num domínio no qual o afetivo e o individual são fundamentais, em tanto as dos homens guardam relatos de uma história não necessariamente

¹⁴ A distinção entre um e outro tipo de história de vida é levantada por Ângela de Castro Gomes no livro que ela coordena *Velhos militantes. Depoimentos*. Rio, Zahar, 1988, p. 9.

oficial, mas sim de uma história coletiva, de uma história espetáculo.¹⁵

No universo em que trabalhei, homens e mulheres outorgam um valor profundo aos laços de parentesco. Nas duas primeiras gerações do grupo em estudo, a memória genealógica tem grande importância, é extremamente detalhada e mantém a mesma profundidade entre homens e mulheres. Elas e eles traçam suas genealogias com precisão equivalente e comentam, a partir dos bisavós, casamentos, nascimentos, doenças, mortes e os distanciamentos causados pelas migrações.

No entanto, no grupo em estudo há diferenças entre as lembranças femininas e masculinas. Elas aparecem com diversidade de matizes nas histórias de vida. Homens e mulheres falam dos mesmos temas. Mas, são elas as que evocam, com complacência ou rebeldia, a demarcação do permitido e possível para o comportamento feminino nas épocas sucessivas. O parâmetro da vida masculina se faz presente quando as mulheres narram suas trajetórias de vida, as dificuldades ou impossibilidades para impor os namorados desejados e as limitações profissionais. As lembranças geográficas: a disposição dos espaços de lazer, as construções, as lagoas, os montes e árvores das fazendas, são importantes para homens

¹⁵ Refiro-me ao expressado por Perrot, Fine e Bertaux, em “Histoire orale et histoire des femmes. Table ronde”, 16 octobre, 1981. *Bulletin de L'Institut de l'histoire du temps present. Supplement n°1*. 3, 1982, p. 1-61. Michelle Perrot considera que as mulheres são fontes de informação fundamentais para o acesso às memórias de família. Acha que elas constituem, com frequência, o único meio de acesso ao consumo, aos hábitos culinários e ao vestiário no passado. Assinala que são, ademais, excelentes observadoras do espaço urbano e social e das relações da vizinhança.

e mulheres. Mas são elas as que se comprazem em detalhar os espaços nos quais se flertava nos passeios, a disposição do salão de baile no momento da primeira dança com o jovem que se amava. Em geral, as mulheres parecem ser as guardiãs de detalhes decorativos e luxuosos que se multiplicam no terreno romântico.

Devo sublinhar, porém, que as distinções expressadas por vozes masculinas e femininas se diluem quando defrontadas com outras diferenças. De fato, as diferenças que se delineiam com mais intensidade são as que se relacionam com o setor e o grupo de parentesco ao qual se pertence - o que significa, na cidade, pertencer a um ou outro partido político - e com um recorte etário que separa os mais jovens - que contavam com idades entre 30 e 40 anos no momento da investigação - das pessoas de mais idade.

A organização das lembranças de homens e mulheres das duas primeiras gerações dos "novos ricos" é datada tanto pelos acontecimentos pessoais - sucessos notáveis da infância, namoro, casamento, nascimentos - , quanto pela incorporação ou perda das fazendas, as crises do café e as disputas políticas. É necessário esclarecer que, no local, todos estes acontecimentos atingem a vida familiar e estão dotados de uma elevada carga afetiva. A história das fazendas, compras, vendas, heranças, disputas por limites, anexações, vinculações, construções, reformas, produções, são temas em que se comprazem homens e mulheres do ramo rico do grupo mais poderoso. As terras falam do seu poder econômico, mas falam também de seu triunfo sobre o outro grupo. A sensação de vitória produzida pelas compras das fazendas que pertenceram à "velha

elite”; o desejo de apagar, mediante a demolição das antigas construções, todo vestígio do antigo poder dos inimigos políticos, formam parte da experiência feminina e masculina. O orgulho e interesse suscitado pelas fazendas não se relaciona apenas com o fato de que constituem um dos aspectos mais importantes da “gloria” familiar. As atividades relacionadas com a vida nas fazendas, diferenciadas, formam parte da experiência cotidiana de homens e mulheres.

Algo similar ocorre, neste grupo, com as vicissitudes políticas. As lembranças da vida política, dos momentos álgidos de disputa, são evocados com orgulho e valor ação positiva pelos homens e mulheres do grupo que manteve o poder até faz muito pouco tempo. Os períodos de eleição das campanhas mais difíceis constituem uma referência temporal para eles e elas. Os homens do grupo tinham acesso ao exercício das funções públicas. O fato de que estas não estivessem abertas às mulheres do grupo não impede que o setor feminino sintam ter participado ativa e plenamente na vida política.

Nas histórias de vida das duas primeiras gerações do outro grupo - a “velha elite” local - as trajetórias intelectuais, o processo de sofisticação cultural e o trabalho pioneiro nas profissões liberais parecem ocupar o lugar que a circulação de terras - das quais mantêm uma vaga lembrança, referente ao tempo em que pertenciam a seus antepassados - e a participação política ocupa na demarcação da vida dos “novos ricos”. Os sucessos políticos não intervêm como linhas divisórias na datação das vidas dos homens e mulheres deste grupo. Mas, eles e elas lembram os mesmos eventos e os recriam para desvalorizar a brutalidade e “falta de cultura” dos

homens e, sobre tudo a “masculinidade” das mulheres, do outro grupo.

O outro corte fundamental nas histórias de vida, que se superpõe à pertença a um ou outro grupo de parentesco, é o que divide a parte mais jovem do grupo - pessoas entre 30 e 40 anos - do resto. Esta parte do grupo tem uma trajetória de vida diferente. Trata-se da primeira geração na qual homens e mulheres tiveram acesso ao mesmo nível de estudos em algumas capitais. Seus integrantes cresceram num ambiente em que as violentas disputas políticas estavam suavizando-se. Algumas das proibições amorosas tinham cessado - pelo menos as que reprimiam as alianças com oponentes políticos. Os padrões de transmissão de propriedade se modificavam lentamente permitindo que algumas mulheres administrassem suas terras. Entre as mulheres desta geração, umas poucas - solteiras, desquitadas e apenas uma casada - brigaram intensamente pela posse e administração de terras e obtiveram sucesso reconhecido na produção de café e criação de cavalos.

Neste grupo, e sem distinção de sexo, a memória genealógica tem uma profundidade relativamente menor do que entre as pessoas de mais idade. As lembranças dos mais jovens parecem pautadas por acontecimentos que afetaram com maior intensidade à família nuclear. E, entre estes homens e mulheres, que introduzem a sexualidade na expressão de suas lembranças, as escolhas de cônjuge são mais facilmente relacionadas aos sentimentos. O intenso romantismo feminino das gerações anteriores parece diluir-se nas histórias de vida das mais jovens; ou, talvez sendo mais precisa, se equilibra com a participação masculina nelas.

O conjunto das histórias de vida trabalhadas parece ir de encontro aos autores que afirmam que as memórias são diversificadas, não em função de serem masculinas ou femininas, senão de acordo com as trajetórias individuais.¹⁶ Entretanto, isto não quer dizer que as lembranças não sejam sexuadas: as trajetórias individuais se desenvolvem e são recriadas em um universo codificado pelo gênero.

Realizei um paralelo sintético entre lembranças masculinas e femininas à maneira dos autores que se preocupam com as diferenças de gênero no trabalho da memória. Creio, no entanto, que para compreender o universo de diferenças no qual estão imersos homens e mulheres é necessário avançar, a partir de uma idéia da diferença sexual que vá além da relação homem-mulher. Creio que é necessário pensar no gênero de tal maneira que este seja constituído pelas categorizações baseadas no imaginário sexual. Talvez, à maneira de Strathern, como as formas através das quais a distinção entre características femininas e masculinas constituem idéias concretas acerca das relações sociais.¹⁷ As tradições orais oferecem elementos que, articulados aos apresentados pelas histórias de vida, facilitam, precisamente, a aproximação a esse universo codificado pelo gênero.

Quando as tradições orais são narradas, as diferenças mais intensas que aparecem nos relatos de histórias de vida - aquelas que distinguem as histórias de vida dos integrantes de um

¹⁶ Van de Castele Schweitzer, Sylvie e Voldman, Daniele: "Les Sources Orales pour l' 'Histoire des Femmes'" in Perrot, M: *Une Histoire des Femmes, est-elle possible?* Rivages, Paris, 1984, p 61-70.

¹⁷ Strathern, Marilyn: *The Gender of the Gift*. University of California Press, Berkeley, 1988, pp - ix-xiii.

e de outro grupo de parentesco e as que diferenciam as vidas dos mais jovens -, se atenuam. E aparecem, ampliadas, as diferenças que se referem à masculinidade e feminilidade.

Os relatos masculinos e femininos coincidem no que se refere a personagens, eventos e cronologias, e no entanto, são diferentes. Enquanto os homens das duas parentelas relacionam imediatamente os casamentos com o detalhe dos bens dos noivos, nomes de fazendas e mencionam situações políticas, nos relatos femininos de todas as gerações aparecem classificações sentimentais que não se apresentam nos masculinos. As mulheres separam com precisão distintos tipos e graus de amor e paixão. Quando se trata das histórias de “casamentos proibidos”, mencionam situações políticas e propriedades de um modo geral e insistem na consciência que, sobretudo as personagens, tinham destas situações. Além das variações no conteúdo, o modo de recriar as histórias, o interesse e a agitação que provocam, são diferentes para homens e mulheres. São as mulheres que mostram um prazer maior ao narrar as histórias de “amor rebelde” que, para elas, parecem adquirir um significado mais profundo. Este aspecto expressivo da narrativa parece coincidir com as classificações do feminino e masculino que surgem nos relatos.

As narrativas que compõem as tradições orais se organizam em torno de três eixos que vão se entrelaçando. Histórias de amor, de política e de circulação de riquezas são vias de acesso para valores centrais do grupo em diferentes momentos do passado (é bom lembrar que elas se referem a sucessos acontecidos a pelo menos uma geração de distância do narrador). Mas é necessário sublinhar que, na medida em que

permanecem vivas, e filtradas pelo presente, falam também de significados atuais.

Os eixos em torno dos quais se organizam os relatos remetem a diferenciações que se expressam em uma delimitação de domínios nos quais se entrelaçam a demarcação de espaços masculinos e femininos e valores públicos e privados.¹⁸

Nos relatos, política e “riquezas” aparecem como domínios amplamente masculinos. No primeiro caso, não se trata apenas de que algumas mulheres tenham participado das atividades relacionadas com a política local. As histórias mostram, ao longo das gerações, uma crescente participação feminina em algumas atividades relacionadas ao trabalho político. Mas, mostram também que este estilo de participação não outorga às mulheres um peso significativo no sentido de promover os interesses solidários dos grupos em confronto. Sua participação, por outro lado, não lhes abre a possibilidade de transitar pelos canais formais de acesso ao poder e prestígio políticos.

No que se refere à circulação de “riquezas”, as histórias contam que as mulheres não eram necessariamente excluídas delas. Ao longo das décadas, as mulheres foram sendo separadas das terras, mas não lhes era negado o direito à riqueza, em termos materiais. Elas herdavam outro tipo de bens materiais e no município houve mulheres que concentraram grande número de imóveis e polpudas contas bancárias. O sistema de transmissão de terras, inteiramente masculino, privilegiava a concentração em mãos de alguns dos filhos. Às vezes,

¹⁸ Seguindo Strathern (op. cit.), refiro-me a “domínios” como atividades, atos sociais nos quais a diferença é criada e implementada.

as filhas também herdavam terras, quando o grupo de siblings estava constituído exclusivamente por mulheres, por exemplo. Mas estas eram entregues aos seus esposos. Desta maneira, a posse e administração da terra, que constitui o bem mais apreciado, se integra aos domínios masculinos.

Nas narrativas, a ação política assim como a terra e o café, ao qual estão quase invariavelmente associadas, são as bases de construção de um certo tipo de prestígio “público”.¹⁹ São, também, os elementos fundamentais à luz dos quais é avaliada cada família, e o conjunto do grupo de parentesco, e as possibilidades de inserção social de cada um dos seus integrantes.

Nas histórias de amor, por outro lado, as mulheres aparecem como soberanas absolutas. Não se trata de dizer que os homens não participam delas. Simplesmente, nos relatos, o grau de amor masculino e as ações por ele orientadas não têm peso nenhum na avaliação masculina. Outros são os atributos ligados à masculinidade. Nas histórias de amor, a “paixão” orienta ações que falam do caráter e das qualidades morais femininas.

O conjunto dos relatos remete a uma divisão que outorga poder econômico e político e liberdade de escolha - profissional, de cônjuge, etc. - ao setor masculino. Ao feminino, em contrapartida, permaneceria reservada uma submissão na qual a “paixão” aparece como a única nota dissonante. Dotando às mulheres de algo especial, uma espécie de **mana**,

¹⁹ Penso neste prestígio como um valor público, no sentido de ser aberta e amplamente reconhecido e de estar dotado da capacidade de mobilizar ações realizadas sobre a base um acordo coletivo.

converte sua submissão numa subversão extremamente particular na medida em que constitui a única rebeldia socialmente admitida contra a família.

A análise dos dados sugere, no entanto, que as proibições amorosas, o sistema de transmissão de terras e a possibilidade e impossibilidade de acesso aos canais formais de expressão política, podem ser lidas através da distinção feminino/masculino.

Em termos dos ideais de casamento, os candidatos deviam apresentar um capital determinado, que se traduzia em terras e/ou alianças políticas que iam adequando-se às exigências do momento. A acumulação deste capital implicava muito mais do que sorte nas colheitas; significava atravessar os limites alheios, emprestar dinheiro com ágio e ficar depois com as terras dos devedores, utilizando inclusive, para estes fins, pequenos grupos de “jagunços” profissionais. No processo de acumulação de terras, assim como na atividade política de um certo período, era necessário assumir riscos ligados a certos atributos: esperteza e uma certa ambigüidade moral que, nos relatos, são sempre avaliadas positivamente.

As qualidades femininas, no entanto, mais estáveis, parecem ter constituído fatores mais determinantes na realização de um casamento. Nos relatos, os juízos sociais exercidos sobre as mulheres privilegiaram as classificações morais às classificações baseadas em critérios econômicos. A reprodução de um certo tipo de moralidade que se expressava na virgindade, primeiro, e num certo tipo de castidade, depois, aparece como algo verdadeiramente fundamental. De fato, do ponto de vista das famílias que recebiam uma candidata, o único

impedimento feminino para casar era a “desonra” feminina, algo em que as mulheres dificilmente ousaram incorrer, transmissível à descendência por via feminina. A “paixão”, um grande elemento subversivo, podia acender os ânimos familiares, porém, não ameaçava o esperado em termos de atributos de uma união.²⁰

As ações orientadas pelo “amor” e pela “paixão”, assim como os comportamentos femininos mais o menos “honrados”, constituem, nas histórias, bases para a construção de um prestígio feminino. No entanto, trata-se de um prestígio restrito - privado? -, cuja ausência jamais chega a ameaçar a avaliação e inserção social do conjunto da família nem do grupo de parentesco.

Os atributos ideais associados ao casamento, tal qual aparecem retratados nas histórias, sugerem uma relação de oposição, aparentemente neutra - no sentido de não hierarquizada - entre atributos masculinos e femininos. Mas são estes mesmos atributos os que operam na exclusão feminina dos domínios que possibilitam o acesso às vias formais e informais de prestígio público: a acumulação de terras e o exercício do poder político.

Através da leitura das tradições orais é possível delinear alguns princípios de diferenciação sexual. Mas a articulação de tradições orais e histórias de vida permite perceber que estes princípios não colocam barreiras tão rígidas que o comportamento individual não possa transpôr. Mulheres conseguiram tornar-se “fazendeiras” e, inclusive, em tempos recentes,

²⁰ A única união amplamente sancionada é a que pretendeu introduzir uma jovem, filha de uma senhora “imoral”, em um dos grupos de famílias.

desquitar-se e ter vários amantes. Isto não as livrou porém, de alguns custos: epítetos de “masculinas” ou “mal amadas” ou ainda discriminação matrimonial para suas filhas quando as mães ousaram assumir um comportamento sexual “livre”. Em um jogo de vai e vem, classificações e práticas participam da experiência.